

DARWIN, Charles. **A origem das espécies**. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.

DEFFONTAINES, Pierre. **Geografia humana do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1952.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

LA BLACHE, Paul Vidal de La. **Princípios de geografia humana**. 2. ed. Lisboa: Cosmos, 1954.

LENCIONI, Sandra. **Região e geografia**. São Paulo: EDUSP, 1999.

LOWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen**: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. São Paulo: Cortez, 2003.

MONBEIG, Pierre. O estudo geográfico das cidades. In: **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, IBGE, ano I, n. 7, p. 7-29, out./1943.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**: a França no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PARA ONDE VÃO NOSSAS CIDADES?: PEQUENA INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA DA ACUMULAÇÃO PRIMITIVA

Rodrigo Fernandes Silva

rodrigo.silva@ige.unicamp.br

Instituto de Geociências - Unicamp

Palavras-chave: acumulação primitiva, obras de engenharia, trabalho morto.

Introdução à geografia da acumulação primitiva

Do ponto de vista geográfico, o espaço vivido e território atualizado serve tanto como suporte (de abrigo, para a vivência de alguns), quanto como recurso (para outros). Esse entendimento, passa, em parte, pela compreensão das obras de engenharia, ou seja, objetos geográficos. Essa análise nos permite verificar como a instalação dessas obras, de um lado, organizam as atividades econômicas, e de outro, desorganizam os lugares. Aqui, tomamos a ideia da “acumulação original e primitiva”, de Karl Marx, e os “cercamentos atuais”, de David Harvey, associados à análise das obras de engenharia e infraestrutura. Esses conceitos nos possibilitam uma melhor compreensão dessas fontes dos conflitos e inúmeras consequências, como nos orientam Carlos Vainer e Arsênio Osvaldo Sevá Filho.

Geograficamente, identificamos três categorias independentes: o *modo de produção* (*maneira, forma* ou *modo* pelas quais se produzem os bens materiais), a *formação social* (sociedades historicamente determinadas) (HARNEKER, 1983) e o *espaço* (arranjo territorial produzido historicamente pelas sociedades). Nesses três, temos a *produção propriamente dita* (circulação, distribuição e consumo) num movimento histórico e espacialmente diferenciado, pelas formações sociais, num movimento conjunto (SANTOS, 2005, p. 28) em cada país.

Assim como, dialeticamente, objetos velhos propõem novos e as formas antigas propõem formas novas¹, metodologicamente, iniciado o processo de extração do *mais valor*, ele vai requerer novas formas de apropriação.

Sua nova forma, o espaço capitalista, necessita de contínua retirada de valor do espaço. Seja como instrumento móvel (imensas máquinas utilizadas nas atividades que não chegam a se fixarem) na exploração dos recursos ou utilizados como suporte fixo, ou seja, os objetos geográficos usados para as operações, na forma de capital fixado ao solo.

Visto que esses objetos são dotados de conteúdos técnicos, devemos ainda classificar os ambientes mediante

¹Como nos revela Milton Santos, em *Metamorfose do Espaço Habitado*, fundamentos teóricos e metodológicos da geografia (1988), na dialética entre o velho e o novo.

suas *densidades potenciais*: naturais, demográficas ou técnicas. De um lado, os ambientes formados por uma pequena ou nula fixação de capital, caracterizam-se por suas *densidades comunicacionais*, relativa à *psicosfera*, implicando no conhecimento desses objetos, para sobre eles poder agir. De outro, a *tecnosfera*, caracterizada pelos ambientes formados com a instalação intensiva de objetos geográficos, fixando grandes montantes de capital e geradora de conflitos locais e fluxos internacionais. Essas são ambientes que comportam grandes *densidades informacionais*, indiferentes ao meio ambiente e relacionam-se ao mundo dos objetos. Essa é a esfera do conjunto de objetos fixos e circulantes, estruturada de maneira sistêmica, tendo seus usos hierarquizados, funcionalizados e conjugados.

Podemos falar que se trata de uma *estrutura tecno-produtivanos lugares* (SANTOS, 2005), onde uma estrutura-técnica e uma estrutura-informacional dos objetos presidem o trabalho sobre o capital vivo e morto, sendo nos *lugares* que se opera a *produção propriamente dita* (SANTOS, 1988). Segundo ele, a *escala global*, além de cobrir todo o ecúmeno², caracteriza a unificação do planeta e a unicidade do tempo, onde as redes realizam as outras esferas da produção

²Estudado por Maximilien Sorre.

capitalista, sobretudo a *distribuição, circulação* e o *consumo*. Por isso, é na *escala mundial* que se opera a *Divisão Internacional do Trabalho*, tendo como expressão das escalas nacionais, a formação sócio-espaçial de Milton Santos (2005)

David Harvey, em “*O novo imperialismo*” (2011), chama de *geografia histórica do capitalismo* a introdução, ao longo do tempo, de infra-estruturas nos espaços, à revelia³ de suas populações originas. Lúcio Kowarick (1983), analisando as obras de instalação do metrô, na cidade de São Paulo, referindo-se à população expropriada em decorrência da migração e da não compensação adequada, chega a falar em uma *espoliação urbana*.

Da Geografia histórica da acumulação primitiva à valorização do espaço

Grosso modo, podemos dizer que a idéia da chamada acumulação primitiva, desenvolvida por Karl Marx, nos orienta a uma *lógica* e a um *processo* extremamente conflituosos. Entendendo que esses eventos deram início ao capitalismo e continuam ocorrendo atualmente, podemos verificar o seu *modus operandi*, transformando tudo em mercadoria: ideias, objetos, pessoas, construções, regiões e a própria terra.

Karl Marx (1975) nos orienta a pensar um movimento circular no qual a *acumulação do capital* pressupõe a *mais valia*; a *mais valia* a *produção capitalista*; a produção capitalista a *existência de grandes capitais* (como a força de trabalho nas mãos dos produtores de mercadoria) e por fim, os grandes capitais pressupõem a existência da acumulação de capital. Segundo ele, esse movimento como um todo, deve ser visto como um *ciclo vicioso*, que só pode ser rompido se admitirmos uma *acumulação prévia, primitiva, anterior ou original*, que antecede a essa acumulação capitalista. Segundo Marx, esse processo é caracterizado pela transferência, para as elites, dos meios sociais de subsistência, de produção e convertendo os produtores em assalariados.

Marx chama de limpeza das propriedades a sangue e fogo, os métodos de expropriação dos camponeses. Quando não houver mais “*camponeses independentes para enxotar, a limpeza prossegue para demolir as choupanas, de modo que os trabalhadores agrícolas não encontram mais na terra que lavrar e espaço necessário para sua própria habitação*” (MARX, 1975; 845).

³ Remetendo-nos à idéia de “*Selva quadriculada à revelia*”, de Arsênio Oswaldo Sevá Filho (2008).



* Marx; ** Sevá; *** Harvey.

Figura 1 - Evolução da Acumulação de Capitalista. Fonte: Elaboração própria.

Para Antônio Carlos Robert Moraes (2000), em sua *Geografia da acumulação primitiva*, foi a expansão da formação territorial europeia do “longo século XVI” que criou a circulação planetária, permitindo que os fluxos fixem a escala de *mercados mundiais* (MORAES, 2000). Os meios técnicos disponíveis no interior da Europa nos orientam ao reconhecimento de uma diferenciação no que o autor chama de *tempo/distância*, no sentido braudeliano. Dessa forma, podemos reconhecer o funcionamento das respectivas regiões inscritas.

Em David Harvey (2011), o conceito de acumulação remete também a Rosa Luxemburgo, implicando em dois aspectos: ao *mercado de bens* e ao *lugar* em que é produzida a mais-valia. Em outras palavras, aos *cercamentos* e às *obras de infra-estrutura utilizadas na exploração*, ou seja, às áreas e aos pontos, inscrevendo sua escala de operação. Por outro lado, Luxemburgo entende que esse quadro provém da crise do

subconsumo, onde na impossibilidade de consumir é obrigado a reinvestir, injetando capital nas *ordenações espacotemporais* (HARVEY, 2011, p. 98). Essas são as expressões geográficas do capitalismo que estão na base de boa parte da atividade imperialista com investimento alhures. As ordenações são, por um lado, uma metáfora para um tipo de solução às crises capitalistas, e de outro, mediadas pelo aparente adiamento do tempo e pela expansão geográfica do conjunto de objetos usados.

Contudo, o trabalho morto acumulado nos meios de produção, nos orienta à especialização das atividades produtivas e às produções materiais que se agregam ao solo, ou seja, às rugosidades, com sua inércia dinâmica – como formas espaciais que duram mais que os processos que os engendraram (MORAES e COSTA, 1984, p. 125). O trabalho morto, cristalizado nos meios de produção, aparece como capital fixo ou fixação de capital no espaço. Aqui, o próprio espaço físico, a área necessária à produção, é considerado valor de uso do espaço.

Referências bibliográficas

HARNECKER, Marta. **Os conceitos elementares do Materialismo Histórico**. 2.ed. São Paulo: Global editora, 1983.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2011.

KOWARICK, Lúcio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MARX, Karl. **O capital**: Crítica da economia política. Livro 1: O Processo de produção do Capital. Vol. 2. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Bases da formação territorial do Brasil**: o território colonial brasileiro no longo séc. XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

MORAES, A. C. R. de; COSTA, W. M. da. **Geografia Crítica**: A valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação espacial como teoria e como método. In: **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SEVÁ FILHO, A. O. Selva quadriculada à revelia. Povos e poderes em conflito na Amazônia equatoriana, peruana, e brasileira sob avanço da indústria petrolífera. XXXII Encontro Anual da ANPOCS – Associação Nacional de Pós graduação e Pesquisa em Ciências sociais. **Anais...** Caxambu, out./2008.

SEGREGAÇÃO DO ESPAÇO URBANO: DISCORRENDO UM POUCO SOBRE A TEMÁTICA

Ivan Oliveira Lima

ivanlima@ige.unicamp.br

Instituto de Geociências - Unicamp

Palavras-chave: espaço urbano, segregação, Estado capitalista, direito à cidade.

As cidades representam a maior e mais significativa das ações humanas sobre o espaço geográfico. Sua presença dentro da história da humanidade é marcada por sua diversidade e grandiosidade, bem como seu impacto expressivo na vida e na organização da sociedade.

No Brasil, de acordo com o Censo de 2010, último levantamento populacional realizado, cerca de 84,35% da população reside em áreas urbanas. Em números absolutos, temos um valor que supera a casa dos 160 milhões de habitantes (IBGE, 2011).

A cidade em questão — industrial e capitalista — apresenta grandes contradições dentro de seu espaço. Essas desigualdades as acompanham desde a sua gênese. Spósito (1996) destaca em seu trabalho que, desde os princípios de